

# AS RELAÇÕES DE FRONTEIRA NO INÍCIO DO SÉCULO XVIII A PARTIR DE UM ESTUDO DEMOGRÁFICO DE RIO GRANDE

CAROLINA LÓPEZ ISRAEL\*

## RESUMO

A vila do Rio Grande de São Pedro foi palco de intensas disputas entre Portugal e Espanha desde sua fundação pelos portugueses em 1737. Essas disputas tiveram seu momento culminante na invasão espanhola a Rio Grande em 1763 e que se prolongou numa ocupação que durou até 1777. Esse conflito mostra-nos uma idéia de fronteira de litígio constante entre portugueses e espanhóis. Ora, a historiografia regional brasileira, ao estudar a formação do Rio Grande do Sul, excluiu por muito tempo a presença espanhola na formação da Capitania. Neste trabalho pretendemos mostrar a importância da presença espanhola na formação da capitania, mas principalmente a sua presença na vila do Rio Grande de São Pedro, inclusive antes mesmo da ocupação. Para isso nos utilizamos de levantamento demográfico da região e de bibliografia especializada no assunto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rio Grande de São Pedro, fronteira colonial do Rio Grande do Sul

## INTRODUÇÃO

No âmbito das lutas coloniais entre as coroas ibéricas pelo domínio do que seria o Prata e o atual Rio Grande do Sul, vale destacar a ação de Portugal, em 1737, ao fundar o Presídio Jesus-Maria-José, que se tornaria mais tarde na vila do Rio Grande de São Pedro. Essa vila-porto foi motivo de muitos conflitos com a Espanha, que via na localidade uma ameaça aos seus territórios na Banda Oriental do Prata, já ameaçados pela presença portuguesa na Colônia do Sacramento. Essa preocupação espanhola levou à invasão e ocupação de Rio Grande de São Pedro em 1763 pelos espanhóis – ocupação que duraria até 1777. Muito se escreveu acerca dos aspectos diplomáticos e militares, das ações de guerra, dos tratados entre Portugal e Espanha para tentar estabelecer fronteiras fixas e intransponíveis na região.

---

\* Doutoranda em História na Universidad de Alcalá de Henares, Espanha – lopecaro@hotmail.com

Inclusive foi esse o enfoque que dei ao tema dos conflitos luso-espanhóis por Rio Grande na minha tese de doutorado.

Mas não devemos esquecer os aspectos sociais da região, as relações entre os indivíduos vassalos de Portugal e da Espanha. A região era palco de grande dinamismo, dada a movimentação incessante de indivíduos e mercadorias que beneficiava os moradores. Aqui é muito comum a figura do tropeiro, que muitas vezes estava a serviço de famílias influentes da região, dos minuanos que vendiam gado para os portugueses, e do contrabando incessante entre espanhóis e portugueses; contrabando este arduamente combatido pelas coroas ibéricas mas de fundamental importância para a sobrevivência das populações locais, dada a distância dos principais centros fornecedores dos mais diversos produtos das colônias espanhola e portuguesa.

Esses indivíduos preenchiam a região com redes comerciais e uniam por isso mesmo as diferentes povoações.

De acordo com Martha Hameister, os grandes vazios da região eram preenchidos pelas relações comerciais entre as grandes famílias e seus empregados. Devemos lembrar que essas redes de comércio se interligavam com o restante do Brasil, devido ao uso de mulas, cavalos e gado no âmbito geral da colônia. As mulas eram utilizadas para o transporte de mercadorias e nas minas de ouro; e o gado, além de ser um produto alimentício, contribuía com o couro, produto amplamente utilizado na época para suprir as mais diversas necessidades. Não somente no Brasil eram utilizados esses produtos, mas também em outras partes do império português, como em Angola, onde foram utilizados cavalos oriundos do Brasil na luta contra os holandeses (HAMEISTER, 2002, p. 205).

## **DEMOGRAFIA E RELAÇÕES DE FRONTEIRA EM RIO GRANDE**

O trânsito incessante dos súditos espanhóis e portugueses pela região contradiz muitos historiadores da década de 80, que praticamente esquecem a presença espanhola e indígena ao estudar a formação da capitania do Rio Grande do Sul (NEUMANN, 2003, p. 25).

A denominação dada a esta região de “terra de ninguém” cai por terra com os estudos demográficos levados a cabo atualmente, que demonstram que antes mesmo da fundação do Rio Grande a região já era transitada por transportadores de gado que levavam os animais da Colônia do Sacramento até o norte do Brasil, e o canal da Lagoa dos Patos era um ponto estratégico de passagem dos tropeiros e do gado (NEUMAN, 2003, p. 25). Encontramos igualmente essa informação de

forma clara em Fábio Kuhn, referindo-se a uma representação idealizada que a historiografia regional constrói quando trata da formação do Rio Grande do Sul. “Esta representação da história rio-grandense procurou constituir uma exclusão total das populações indígenas e espanholas no continente do Rio Grande [...]” (KUHN, 1999, p. 92).

Os tropeiros, que em sua ação comercial uniam de certa forma as distintas e esparsas povoações espanholas ou portuguesas da região, exerciam ao mesmo tempo as mais diversas profissões. Podiam ser sapateiros, médicos ou até padres.

Essas diferentes povoações que mantinham redes comerciais recíprocas não se sentiriam ameaçadas pelo indivíduo de outra nação que transitava pela região com fins comerciais ou outro trabalho. A ameaça viria das batalhas que obrigavam muitas vezes ao desalojamento dessas localidades.

Não tentaremos aqui idealizar um romantismo pastoril no estudo das relações entre os indivíduos de fronteira; sabemos que muitos eram os conflitos causados, principalmente pelo roubo de gado perpetrado por portugueses contra os espanhóis e vice-versa. Mas queremos nos aproximar da realidade dessas relações, a fim de salientar o grau de presença espanhola no Rio Grande, assim como as relações de fronteira.

Para obter os dados acerca da presença espanhola na vila do Rio Grande de São Pedro antes da ocupação espanhola, pesquisei registros de casamento e batizados encontrados no Centro de Documentação Histórica da FURG. Levantamos dados acerca dos espanhóis presentes na vila antes da invasão espanhola ao Rio Grande liderada por Cevallos em 1763, entre os anos 1750-1753 e os de 1756-1763 (o vazio de três anos entre 1753 e 1756 deve-se ao fato de que a documentação referente a esse período encontra-se tão danificada que não pode ser investigada), e com eles também podemos ter uma idéia do perfil geral de sua população. Ao todo foram contabilizados 798 indivíduos.

Pela investigação levada a cabo podemos constatar, como já é sabido, a forte presença açoriana, com povoadores mandados para esta localidade a partir de 1740 devido ao problema de carestia do plantio nas ilhas dos Açores; assim, ao mesmo tempo que o governo português resolvia os problemas dos açorianos, povoava as terras do sul do Brasil para afirmar sua presença na região frente à Espanha. Dava-se aos açorianos sementes, ferramentas, duas vacas, uma égua e farinha durante um ano, além da ajuda de mil reais por filho, 2400 reais para outros gastos e uma arma de fogo. A arma de fogo seria utilizada não somente para defender-se de algum animal, mas principalmente para fazer de cada pessoa um soldado contra um possível ataque espanhol (HAMEISTER, 2002, p. 54).

Depois dos açorianos, em relação à representatividade numérica temos os migrantes do resto do Brasil. Eram soldados enviados de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Também vinham indivíduos que faziam parte da rede comercial da colônia, São Paulo, Curitiba e Minas Gerais.

Lembremos que o trajeto do gado pelo interior do Brasil compreendia as localidades de Rio Grande, Viamão, Laguna, Lages, Curitiba e Sorocaba. Estes eram os principais mercados, de onde partiam animais para Minas Gerais e São Paulo. O gado nem sempre era originário de Rio Grande; podia vir da Colônia do Sacramento ou dos campos espanhóis.

Como é de se esperar, havia expressivo número de portugueses na vila. Também havia muitas pessoas procedentes de Colônia do Sacramento, as quais por sua vez se consorciavam com indivíduos de Rio Grande mesmo ou de localidades espanholas da região (Corrientes, Santa Fé, Buenos Aires, Mendoza e Córdoba na Argentina, e do Paraguai, sem mencionar a localidade). E também há os chamados “castelhanos” simplesmente, sem se especificar se seriam da Espanha ou de suas colônias.

Notamos claramente que as relações pessoais advinham das relações econômicas da região. Todas essas localidades faziam parte da extensa rede de comércio, contrabando e criação de animais.

Sabemos que os espanhóis presentes no Rio Grande exerciam funções de cavaliços, boieiros, carreiros, domadores e laçadores (KUHNS, 1999, p. 93). Sabemos que o gado era explorado na região pelos portugueses e espanhóis antes mesmo da fundação de qualquer povoação, já que a região estava a caminho de importantes cidades coloniais de ambas as coroas.

A caça de gado que aconteceu de forma desenfreada, em meados do século XVIII deu lugar à fundação de fazendas próximas à fronteira, o que facilitava o roubo de gado por uma e outra parte.

De forma concomitante se criavam mulas e cavalos. As mulas a princípio eram conseguidas nos territórios espanhóis, já que os portugueses demoraram para selecionar as matrizes e reprodutores entre os burros e éguas (HAMEISTER, 2002, p. 224).

Voltando ao tema demográfico, notamos que os indígenas estavam em Rio Grande em menor número, e muitos eram oriundos das Missões, os quais foram presos e trazidos à força. Aqueles que eram responsáveis pelo seu emprego em algum trabalho tinham o dever de catequizá-los.

Os escravos também foram contabilizados; alguns provinham de outras localidades do Brasil (ou seja, teriam nascido aqui) e outros eram

oriundos da África (de Angola e das nações Mina e Benguela). De acordo com Hameister, provavelmente esses escravos eram trazidos pelos mesmos comerciantes que levavam o gado para São Paulo e Minas Gerais, já que eles aproveitariam os milhares de quilômetros que viajavam para estabelecer relações de reciprocidade comercial nas distintas povoações onde transitavam (HAMEISTER, 2002, p. 222). A autora diz que isso é apenas uma teoria – que poderíamos confirmar de acordo com nossos estudos, já que os escravos eram procedentes das principais metrópoles para a venda de gado, mulas, cavalos e couro.

Para uma melhor análise das inter-relações entre os vassalos de ambas as coroas ibéricas na capitania do Rio Grande, fizemos um estudo dos autos de batismo e casamento das povoações de Viamão (1747-1759) e Rio Pardo (1767-1777).

Constatamos que, enquanto os habitantes espanhóis em Rio Grande eram oriundos de colônias espanholas, em Viamão e Rio Pardo procediam diretamente da Espanha – mais especificamente, da Andaluzia, Ilhas Canárias e Valença.

Outro fator que nos chamou a atenção é que, proporcionalmente, em Viamão houve o dobro de casamentos com espanhóis do que em Rio Grande, o que poderia significar a presença maior de espanhóis nessa localidade. Temos em conta que Viamão era um importante entreposto no caminho de transporte de animais até São Paulo, sendo que muitos espanhóis tinham como atividade principal serem condutores de gado; é o caso de Agostinho Gutierrez, que é mencionado como espanhol primeiramente radicado em Laguna (Santa Catarina) e depois como um dos fundadores de Viamão.

Voltando ao caso de Rio Grande, e analisando os batizados aqui realizados entre 1750 e 1753, constatamos que os casados eram ambos espanhóis. Teriam se casado em Rio Grande ou migrado diretamente de localidades colônias espanholas? Vemos como mais provável a hipótese de que teriam já vindo casados, pois nos casamentos realizados entre 1750 e 1763 encontramos apenas um espanhol. As relações com os habitantes de áreas espanholas seriam mais intensas antes de 1750? (coincidentemente antes do Tratado de Madri).

Constatamos que a imigração era mais casual do que organizada e predominantemente masculina, fato comum em se tratando de migrações.

Essas relações entre indivíduos espanhóis e portugueses se davam reciprocamente em ambos os territórios. O cronista da época Francisco Millau fala da presença significativa de portugueses em Buenos Aires:

En Buenos Aires hay gran número de portugueses o descendientes de ellos, que con muchos otros forasteros de esta nación compondrá una cuarta parte de sus moradores. Se avienen bien con ellos de los más naturales porque su industria y habilidad en toda suerte de oficios los hace allí muy apreciables o porque la abundancia del país no da lugar a que se fomite envidia su adelantamiento o estación (MILLAU, 1772, p. 56).

Não somente registramos grande presença portuguesa em Buenos Aires mas também em outras localidades espanholas, como em Cartagena (VILA VILAR, 2001, p. 85).

Essa relação entre portugueses e espanhóis pode ser constatada no conteúdo de uma carta do registro do Regimento para dar permissão a Francisco de Souza Faria para a abertura de um caminho para o transporte de gado na região:

[...] abrir-se caminho de terra do Rio Grande de São Pedro da costa do mar pelo qual possam passar gados e cavalgadas para os campos de Curitiba e tendo consideração a que na pessoa de Francisco Souza Faria concorrem as circunstâncias necessárias para esta importante empresa por me constar pela sua grande experiência e inteligência que tem daquelas campanhas, até a Colônia, conhecimento e amizade com os índios que se tem comerciado (como fazem algumas pessoas e ainda os castelhano que com eles conduzem gados e cavalgadas para a Vila de Laguna (HAMEISTER, 2002, p. 41-42).

Ao nosso modo de ver, esses dados mostram que, longe da pretensa “lusitanidade” desta região e de uma suposta separação intransponível entre portugueses e espanhóis, houve sempre uma intensa relação comercial e social entre os vassallos das cortes ibéricas que se integravam na região e compartilhavam uma cultura comum. Inclusive, e isso é surpreendente, também os militares viviam essa integração. Em 1752, nos acampamentos do Chuí, Gomes Freire levou para o espanhol Marquês de Valderrios um sarau com dança de caboclos e jacarés, tigres, chinas e uma representação das quatro estações e partes do mundo. Dizia-se sobre as portuguesas: “estas deslumbraban a los castellanos, aderezadas con anillos, finos lazos de cuero, polleras, camisas, coletes y ropas abiertas que se hicieran apartir de colchas” (SOUZA, 1997, p. 69).

Também há relatos de que nos campos de Bacaí-Mirim, Gomes Freire oferecia banquetes para os espanhóis, estando presentes os governadores do Paraguai e Montevidéu.

Na Ilha do Desterro, o governador Dom José Melo Manuel, fidalgo

de alta estirpe, oferecia todas as manhãs após a missa um chocolate quente aos oficiais presos.

Também era comum o intercâmbio de presentes, como fivelas, caixinhas, relógios, tabaco espanhol, jogos de chá ou chocolate, diários com folhas de marfim; tais presentes eram corriqueiros, inclusive depois das batalhas ou na entrega de algum forte, como no caso da entrega de Santa Tecla em 1776 (o que possibilitou a marcha para a reconquista de Rio Grande de São Pedro); nessa entrega o general Rafael Pinto Bandeira saúda cordialmente o capitão espanhol Luis Ramirez e este dá a Bandeira biscoitos, erva-mate e tabaco. Bandeira, por sua vez, como não tinha nada para dar, entregou uma moeda a cada soldado que lhe enviou os presentes (GIL, 2002, p. 43-45).

## **TERRAS E OCUPAÇÃO**

Sabemos que várias são as reivindicações portuguesas e espanholas no que diz respeito à posse das terras do Rio Grande. Sabemos que a ocupação portuguesa se deu primeiramente a partir das terras que a coroa lusa dava aos criadores e condutores de animais que moravam em Laguna. Em 1732, Brito Peixoto faz um requerimento de terras que iriam de Tramandaí até a barra da Lagoa dos Patos. Essa distância, desproporcionalmente grande, era superada pelo pedido de Salvador Correa de Sá, em 1658. Eram 100 léguas de terras, 50 em Santa Catarina e as outras 50 até a barra da Lagoa dos Patos. Manuel Jordão se oferece em 1695 para ocupar a Lagoa dos Patos. Esse pedido é negado pela coroa, sob alegação de que tal ocupação seria uma provocação aos espanhóis, e que estes, em contrapartida, poderiam invadir a Colônia do Sacramento; ao mesmo tempo havia contra Jordão um processo por assassinato de um membro da família de Correa de Sá (HAMEISTER, 2002, p. 100).

Tais terras, ou sesmarias, eram doadas pela coroa lusa para grandes criadores de gado e exploradores, que, em troca de sua submissão política e apoio à defesa da expansão portuguesa, pediam as terras que ajudavam a conquistar. Vale lembrar que essas terras estavam sempre em locais estratégicos. Outras formas de retribuição por parte da Coroa eram cargos administrativos ou militares, isenção de impostos e direitos alfandegários, viagens marítimas e outros privilégios.

Mas não devemos nos iludir frente a esse aparente controle total da Coroa sobre as terras que deveriam ser ocupadas, pois havia uma preocupação em demarcar as terras, como está explícito neste trecho de carta do Marquês de Lavradio:

[...] sendome presente a confusão em que se acham os povos desta capitania, pela falta de mediação e demarcação das terras que possuem pelas dos títulos primordiais e por se acharem cuasi todas as cartas de sesmarias confirmadas, ainda por cumprir e registrar e assim muitas fazendas estabelecidas sem que seus possuidores tenham delas títulos alguns contra as clauzulas com que El-Rey meu senhor, concede de sesmarias as terras de seu Patrimônio Régio e principal causa de que procedem as demandas com que mutuamente se empobrecem e se inquietam querendo as necessárias providencias para que por uma parte se observem as clauzulas com que se foram dadas as terras de sesmaria e por outra fazer cessar os prejuízos e incômodos que sentem todos os possuidores de terras para o efeito de se conservar pacifica posse elas sem haverem mais duvidas ou contendas para o futuro, e parecendo-me mais útil, justa e proporciona a tranqüilidade publica o mandar proceder uma medição de todas as terras que se achão possuidas nesta Capitania [...]<sup>1</sup>

A coroa via na doação de sesmarias a oportunidade de assegurar o domínio dos territórios na região e ao mesmo tempo a população encontrava nela a oportunidade de sobrevivência.

Um último documento que nos mostra a expansão de caminhos para o sul da capitania e a relação com os espanhóis é a parte do registro de requerimento da abertura de um caminho até Rio Grande de Francisco de Souza Faria em 1727:

Haverá mui particular cuidado que não se agrave, moleste, ou maltrate alguns índios ou castelhanos que estejam nas nossas povoações ou se encontrem a caminho, ou nas campanhas, procurando paz e amizade com eles expedindo para isto do que leva a entender necessário, procurando mesmo que conheçam e entendam que esta marcha se encaminha a somente ter com eles comercio de negociação conveniente a todos, e não a tirar-lhe coisa alguma com violência (GOULART, 1961, p. 210-213).

Como vemos, essa ordem foi escrita dez anos antes da fundação do presídio Jesus-Maria-José, posteriormente Rio Grande. Aparentemente a abertura de caminhos para o sul não visaria, a princípio, a uma ocupação territorial, e sim vantagens comerciais, em que a Colônia do Sacramento estava inserida.

---

<sup>1</sup> Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Secretaria da Fazenda, lata 13, folia 70, ano 1771.

## CONCLUSÃO

Este estudo sobre a presença espanhola na Capitania do Rio Grande durante parte do século XVIII é apenas uma introdução para termos idéia das relações pessoais que o comércio da região propiciava entre os vassalos espanhóis e portugueses. Atestamos a intensa relação entre estes e o dinamismo das coletividades da região, sendo importante também levarmos em conta que a fronteira não foi apenas palco de integração, mas também de conflitos principalmente por animais e obviamente os levados a cabo pelas coroas ibéricas pela posse do Prata e o sul do Brasil.

Voltando ao tema das tendências platinistas ou brasilistas ao estudar-se a formação do Rio Grande do Sul, podemos citar Luiz Henrique Torres quando afirma:

Desconfiemos da platinidade e da brasilidade rio-grandense, quando apresentadas como blocos excludentes [...] As fronteiras estanques no Prata são criações intelectuais a partir de análises reducionistas. Estudar o período colonial do Rio Grande do Sul exige reviver a complexidade e não optar pela simplificação das variáveis envolvidas (TORRES, 1994, p. 40).

## REFERÊNCIAS

- GIL, Tiago Luis. *Infiéis e transgressores: os contrabandistas da fronteira (1760-1810)*. Rio de Janeiro, 2002. Tese [Mestrado em História] – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- GOULART, Jose Alípio. *Tropas e tropeiros na formação do Brasil*. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.
- HAMEISTER, Martha Daisson. *O continente do Rio Grande de São Pedro: os homens, suas redes de relações e suas mercadorias semoventes (1727-1763)*. Rio de Janeiro, 2002. Tese [Doutorado em História] – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- KUHN, Fabio. A fronteira em movimento: relações luso-castelhanas na segunda metade do século XVIII. *Estudos Ibero-Americanos*, revista da PUCRS, v. 25, p. 91-112, 1999.
- MILLAU, Francisco. *Descripción del Río de la Plata*. Buenos Aires, 1772.
- NEUMANN, Eduardo Santos. A fronteira tripartida: formação do continente do Rio Grande – século XVIII. In: KUHN, Fabio (org.). *Capítulos da história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. p. 26-46.
- SOUZA, Laura Mello e. Formas provisórias de existência: vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações. In: NOVAIS, Fernando; SOUZA, Laura Mello e (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 1.
- TORRES, Luiz Henrique. Paradigmas da história colonial do Rio Grande do Sul. In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique (org.). *Temas de história do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1994. p. 33-42.

VILA VILAR, Enriqueta. *Aspectos sociales en América Colonial: de extranjeros, contrabando y esclavos*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 2001.

## **FONTES**

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Secretaria da fazenda, lata 13.1771.

Cúria Metropolitana de Porto Alegre. Registros de casamentos de Rio Pardo. Livro 5.9 de 1762 a 1769 e Livro 20.5 de 1769 a 1786. Registros de batizados e casamentos de Viamão entre 1747 a 1774, Livro I

Centro de Documentação Histórica da FURG, Registro de batizados em Rio Grande entre 1750 e 1753. Microfilme 1. Registros de casamentos em Rio Grande entre 1750 e 1763. Microfilme 16.

# TABELAS

TABELA DA PROCEDÊNCIA DOS INDIVÍDUOS CASADOS EM RIO GRANDE

PROCEDÊNCIA	NÚMERO DE INDIVÍDUOS
Ilhas dos Açores	300
Brasil	110
Portugal	64
Escravos	55 <sup>2</sup>
Rio Grande	30
Localidades espanholas na América	15
Colônia do Sacramento	15
Missões	8
Índios tapes, minuanos e de São Paulo	32
Localidades sem situar	25
Localidade não-mencionada	44

BATIZADOS EM RIO GRANDE (1750-1753) NOS QUAIS O PAI, O PADRINHO, O AVÔ, A MÃE, A MADRINHA OU A AVÓ É ESPANHOL(LA)<sup>3</sup>

PAI, PADRINHO OU AVÔ	PROCEDÊNCIA	MÃE, MADRINHA OU AVÓ	PROCEDÊNCIA	ANO
Sebastián	Paraguai	Maria Ignacia	Corrientes	1752
Simon Fiscauro	Corrientes	Rosa	San Jorge de las Misiones	1751
Miguel Moreira	Corrientes	Madalena Roiz	Corrientes	1751
Isidoro Mendes	Castelhano	Maria	Escrava	1750
Miguel Serqueira	Santa Fé	María Rodríguez	Santa Fé	1753

CASAMENTOS EM RIO GRANDE, NOS QUAIS O ESPOSO, A ESPOSA OU AMBOS ERAM ESPANHÓIS (1750-1753 E 1756-1763)<sup>4</sup>

ESPOSO	PROCEDÊNCIA	ESPOSA	PROCEDÊNCIA	ANO
Lorenzo Quintana	Santa Fé	Maria Jozé	Rio Grande	1756
Hilario Idiante	San Juan de Mendoza	Anna Maria	Rio de Janeiro	1757
Justo	Paraguai	Águeda Rosario	Ilha de São Jorge	1757
Roman Molina	Córdoba, atual Argentina	Rosana Francisca da Conceição	Rio Grande	1763
Juan Esteves	Índio de Buenos Aires	Maria	Índia minuana de Rio Grande	1762
Juan Antonio Barrera	Santa Fé	Rosa Maria	Ilha de São Jorge	1760
Joaquim Soares de Santos	Rio Grande	Gregoria Rita	Santa Fé	1762

<sup>2</sup> Temos em conta que os escravos mencionados são apenas os casados; muito provavelmente haveria escravos em maior número.

<sup>3</sup> Centro de Documentação Histórica da FURG, Microfilme 1.

<sup>4</sup> Centro de Documentação Histórica da FURG, Microfilme 16.

CASAMENTOS EM RIO PARDO, NOS QUAIS O ESPOSO, A ESPOSA OU AMBOS ERAM ESPANHÓIS (1769-1777)<sup>5</sup>

ESPOSA	PROCEDÊNCIA	ESPOSO	PROCEDÊNCIA	ANO	
Margarida (ilegible)	Sao Paulo	Valentin Dias	Buenos Aires	1770	Livro I folio 124
Catarina Javira	São Lourenço	Mariano Medina	Buenos Aires	1771	folio 127
Efigenia Sarmento	Río Grande	Eugenio Ribero	San Miguel de Pallacan	1776	folio 295
Eugenia	São Miguel	Casimiro Velasques	Buenos Aires	1776	folio 302
Monica Elena	San Nicolás de las Misiones	A. Pereira	São Paulo	1772	folio 186

CASAMENTOS EM VIAMÃO, NOS QUAIS O ESPOSO, A ESPOSA OU AMBOS ERAM ESPANHÓIS (1747-1759)<sup>6</sup>

ESPOSA	PROCEDÊNCIA	ESPOSO	PROCEDÊNCIA	ANO	
María Thereza de Jesús	Batizada nestes campos	Pedro Lopez Soarez	Tuy, Reino de Gálcia	1750	folio 14
Laguna (índia) administrada por João de Magalhães	Paraguai	Dionisio da Costa		1751	folio 16
María Gonçalves de Oliveira	Taubaté	(ilegível) Jimenez	Paraguai	1753	folio 26
Narciza Gómez	Viamão	Domingos da Silva	Buenos Aires	1753	folio 31
María Ignacia	Canárias	Ignacio Alves de Gusmão	Curitiba	1755	folio 38
María (índia das Missões)	Buenos Aires	Antonio	Angola	1757	folio 53
María da Silva Santarém	Laguna	Lourenço Veiga	Corrientes	1757	folio 56
Teresa da Silveira	Ilha do Faial	Jose Ignacio Medina	Corrientes	1758	folio 62
María Rosa	Aldeias de Buenos Aires	ilegível	Ilha de São Jorge	1758 ?	Folio 64
María Domingues	Curitiba	Francisco Lopes	Santiago do Chile	1759	folio 71

<sup>5</sup> Cúria Metropolitana de Porto Alegre. Registros de Casamentos de Rio Pardo. Livro 5.9, 1762 a 1769, e livro 20.5 de 1769 a 1786.

<sup>6</sup> Cúria Metropolitana de Porto Alegre, Registros de Casamentos de Viamão. Livro I, 1747 a 1759.

BATIZADOS EM VIAMAO ENTRE (1747-1777) NOS QUAIS O PAI, O PADRINHO, O AVÔ, A MÃE, A MADRINHA OU A AVÓ É ESPANHOL(LA)<sup>7</sup>

PAI, PADRINHO OU AVÔ	PROCEDÊNCIA	MÃE, MADRINHA OU AVÓ	PROCEDÊNCIA	ANO
José Antonio (padrinho)	Galícia	Natalia Oliveira, escrava liberta, casada com Raimundo Fernandes, também escravo liberto		1747
Pedro Fernandes (pai)		Teresa Pereira, escrava	Índias de Espanha	1758
Augustin Gutierrez (avô)	Valença	Maria Brito (avó)	Laguna	1756
Sebastián	castelhano	Isabel	Tape	1748
Jose Ignacio de Medina	Corrientes	Teresa Silveira		1760
Pedro Davilo (avô)	Missões de Buenos Aires	Simoa da Costa (avó)	Laguna	1760
Pedro Jose Caro	Andaluzia	Maria Silva	Laguna	1760
Alfonso Garcia Soares (avô)	Galícia	Maria Vaz	Galícia	1760
Lorenzo da Veiga	Corrientes	Maria Silva	Viamão	1763
Pedro Gomas	Valencia	María Clara	Ilha de Faial	1765
Antonio Rodríguez Sardina	Rio de Janeiro	Joana Rodríguez (avó)	Canárias	1768
Manuel	Córdoba, atual Argentina	Clara dos Santos	Nossa Senhora da Conceição	1769
Juan Rodríguez	Tenerife	Luisa Fernanda	Tenerife	1769
Jose Marciano Rodríguez	Buenos Aires	María Andrea Palacios	Buenos Aires	
Jose Ximenes	Espanha	Ana María Silva	Rio Grande	1770
Juan de Lencina (avô)	Santa Fé	María Josefa (avó)	Laguna	1772
Jose Rodriguez Mariano	Buenos Aires	María Andre Palacios	Buenos Aires	1772

<sup>7</sup> Cúria Metropolitana de Porto Alegre, Registros de Batizados entre 1747 e 1774.